

ONDE NASCEM AS IDEIAS _ TRANSCRIÇÃO
EPISÓDIO ROSÂNGELA RENNÓ

TC_ (04:40 - 04:07)

Rosângela:

Pronto, foi. Todo seu. Vou aqui. Esse já foi. Tem uma tirinha aqui que eu acho que a gente tem que, um empurra e o outro segura a tirinha embaixo, ou então, ah pera lá, outra opção mais fácil eu acho que a gente fecha e depois vem, pressiona e coloca depois no final.

TC_ (05:07 - 05:11)

Rapaz:

Vou começar pegando luvas. Vou começar pegando luvas.

TC_ (05:11 - 05:12)

Rosângela:

Beleza.

TC_ (05:17 - 06:10)

Rosângela:

Eu gosto de fotografia, eu trabalho com fotografia. fotografia pra mim é uma espécie de pretexto porque no fundo eu gosto de lidar com história das humanidades. É o que sempre me moveu. E tem um lado que é curioso assim que quando você trabalha com fotografia... A forma como eu trabalho, né? Eu sempre priorizei, eu sempre gostei mais justamente das fotografias que a gente chama de vernaculares e as fotografias amadoras, né? Essa fotografia de que não é feita, ela não nasce para ser arte, ela não têm, ela não nasce com intenção estética ela nasce com outras agendas, de fato né? Porque fotografia ela se confunde com os usos e funções sociais dela própria.

TC_ (06:40 - 07:14)

Rosângela:

O Bourdieu fala muito que a fotografia é a arte mediana para um público mediano, então é quando você percebe que não há mais essa hierarquia da alta arte, né? A fotografia ela é uma coisa mediana, e ela interferiu, ela afetou a compreensão da arte, não só a fotografia mas as imagens técnicas de uma forma geral, para todo o sempre.

TC_ (07:20 - 07:24)

Rosângela:

É, beleza! Não, desculpa! É porque eu tava achando que essa parede aqui era aqui.

TC_ (07:24 - 07:31)

Rapaz 2:

Não, a gente vai montar primeiro esses dois primeiros grupos aqui, depois eu vou pular pra cá, montar os dois primeiros de cá e ver o que vai sobrar no meio.

TC_ (07:31 - 07:41)

Rosângela:

Beleza, tá! É, o que, se variar um pouquinho aqui, não tem o menor problema, porque esses trabalhos são muito pequenininhos, tá? Pode, não precisa esperar por mim não, vai na boa.

TC_ (07:41 - 07:44)

Rapaz 2:

Você quer que comece daqui, ou você quer que vai até o fim?

TC_ (07:44 - 07:59)

Rosângela:

Não, pode fazer tudo isso, depois você vem pra cá e pula pra cá. O fechamento depois, isso é muito flexível, porque os pratos, a gente vai jogar. Então tá, pronto. Beleza!

TC_ (07:59 - 09:20)

Rosângela:

As pessoas têm muita fé na imagem e muita familiaridade. São objetos que são imantados pras pessoas. Eu não sei como que, eu não sei o que dizer, por exemplo, com relação ao momento em que eu faço alguma coisa e eu entrego isso e as pessoas vão receber, o que que elas, que entendimento elas vão ter, porque isso eu não posso controlar, mas apesar de que eu posso conversar com pessoas num momento em que eu tô expondo, mas isso não é sempre que acontece. Agora, o que acontece é que no momento em que eu tô criando um trabalho, eu gosto de pensar justamente nessa, no poder de comunicação que o trabalho tem, porque eu acho que a fotografia me ensinou isso, justamente por essa familiaridade que ela própria já implica. E por outro lado, o que que acontece, eu gosto de imaginar como que esse trabalho vai ser, como vai ser a recepção disso. Tentar imaginar, ou balizar o que que a pessoa pode interpretar a partir dali e isso me ajuda a lidar com os elementos que eu vou colocar, ou pra mais ou pra menos.

TC_ (09:46 - 09:54)

Rosângela:

Ficou muito legal, eu tava com medo de não funcionar, mas eu acho que vai, vai parecer que de fato tem alguma coisa iluminando, né?

TC_ (10:01-11:11)

Rosângela:

O curioso também é que ela deu uma rebaixada, foi ficando azulado, também homogeneamente, porque tem umas fotos que são mais preto e branco do que outras, tem umas mais marrons e tudo. Ele perdeu também os marrons e deu uma equalizada. Olha, isso aqui era uma foto muito mais marrom do que essa aqui, que era uma foto mais ou menos um preto e branco meio suja, meio sem contraste e ela acabou dando uma equalizada, é. Agora, o que é bacana, assim, eu acho lindo, porque a foto é viva, então ela vai mudando de cor e conceitualmente até me interessa isso, porque da mesma forma que as outras fotos envelhecem e ficam tudo meio marrom né? Essa aqui também vai, ela vai perecer, ela vai mudando com o tempo, né? Seria até mais legal se ela mudasse, se ela ficasse cada vez mais clarinha até sumir, eu ia achar lindo, poeticamente lindo se a foto sumisse, eu ia dizer, a gente vai mostrando várias vezes e um belo dia ela é um borrão azul.

TC_ (11:11 - 14:02)

Rosângela:

Cerimônia do Adeus foi um projeto que eu fiz a partir de 97, a partir de fotografias, na verdade de negativos de fotos de casamentos que eu ganhei em Havana, de uma fotógrafa que se chamava Cláudia. E eu sempre fui uma pessoa, eu sempre procurei, eu alimento o meu arquivo com esse material que é descarte de profissionais ou de fotografias de amadores, então eu sou rata de mercado de pulga. Então o que aconteceu foi que em 94 eu tava em Havana pra Bienal, pra quinta Bienal de Havana e eu então conheci uma fotógrafa e falei: Olha, você tem algum material pra me dar? E aí ela: Vai lá no meu estúdio, e pode levar o que você quiser dos negativos todos porque a gente não tem porque conservar os negativos fotográficos. Era época das fotos feitas a partir de filmes fotográficos e eu falei: Então tá, então eu vou. Subi num sótão assim, e tinha assim, quilos aí eu fui enchendo uma caixa e eu na verdade só vi esse material quando eu voltei pra casa, quando eu voltei, quando eu cheguei no Rio de Janeiro que eu fui abrindo os rolinhos e vendo que material era esse e essas fotografias eram fotografias de casamento e o casamento, ela era uma espécie de fotógrafa oficial, e todo mundo que se casa, pelo menos as pessoas que foram fotografadas por ela né, pela Cláudia, elas ganhavam exatamente a mesma série de imagens então, a documentação era quase que um pacote assim, e todas as, todos os casais vestidos de, ela de noiva sempre, quase sempre, e as cerimônias, o ritual da cerimônia, não necessariamente uma cerimônia religiosa né, muitas vezes era apenas um casamento civil, mas ela vestida de noiva e o noivo de terno e as fotografias, a série completa era sempre idêntica. Então você tinha fotografia: a mulher sentada no sofá; a mulher contra um aparador com um espelho; a fotografia com os pais. Tô tentando me lembrar aqui de todas mas enfim, a última fotografia era sempre o final, a imagem pós cerimônia, que são onde aparecem os noivos entrando dentro de um carro e dando tchauzinho, né? Assim é o final daquele ritual de passagem.

TC_ (14:40 - 16:19)

Rosângela:

Naquelas imagens havia uma série de questões assim, e paradoxos e digamos contradições, né? Em primeiro lugar a ideia do carro, naquele momento em que muita gente queria fugir de Cuba, de carro você não sai de uma ilha. Então esse final desse ritual de passagem, na verdade a imagem simbólica era muito curiosa se você levasse ela pra uma esfera política. Essa própria fotógrafa, quando eu voltei em 97 pra mostrar o trabalho realizado a partir dos negativos que ela me deu, ela não tava mais lá, ela já tinha ido embora pra Miami, então ela própria... Fui convidá-la pra ver o trabalho, a partir dos negativos dela e ela não tava mais em Havana. E tinha outras questões também, eu acho que essa coisa das contradições, né? Quer dizer, esse ritual na verdade que eu identifico com os anos 50 por causa das fotos do meu pai e o tipo de carro que era usado pra sair da cerimônia, são os carros, aqueles carros enormes americanos que fazem a fama de Cuba hoje, que na verdade eram... Hoje são quase que umas sucatas americanas, né? E esses carros que compõe um charme da paisagem urbana, da paisagem cubana, eram na verdade símbolos daquilo que eles combatiam então o símbolo do opressor, do poderio norte americano que eles queriam combater.

TC_ (17:27 - 18:10)

Rosângela:

Eu não consigo passar tudo aquilo que é o quase, que o resultado do meu envolvimento no laboratório e no atelier com esse material, é quase como se eu pudesse... Não tem como

resumir, o que eu posso fazer é resumir talvez um pouco no título. Por isso que se chama Cerimônia do Adeus. Adeus a uma outra vida, adeus a Cuba, adeus ao socialismo, adeus aos Estados Unidos, quer dizer, o que é aqui, não sei, aí eu deixo o título suficientemente aberto pra isso, acho que é o máximo que eu consigo passar assim, de todas as questões que vêm do manuseio desse material.

TC_ (18:11 - 19:13)

Jan Fjeld:

Então, a Rosângela, ela aproveitou a exposição Núpcias pra comemorar três bodas diferentes, bodas de papel, que é um ano dessa obra Núpcias, bodas de porcelana, que é da série Cerimônia do Adeus, que ela mostrou a primeira vez na Bienal de Havana, em Cuba em 2007 e esse terceiro trabalho que ela tá comemorando é o Arquivo Universal, que ela começou há 25 anos atrás, que é as bodas de prata. Então o que você está vendo na fachada é a lista de todas as bodas, começando pelo um ano que é papel, que é esse trabalho, que na verdade é a inauguração desse trabalho, ele começa hoje, então é o que você tava vendo.

TC_ (19:13 - 19:14)

Tobi Mayer:

Essa agora é uma pesquisa nova.

TC_ (19:14 - 19:36)

Jan Fjeld:

Na verdade ela tá trabalhando com imagens e coleções dela mesma que ela começou a mais de 20 anos atrás. Ela contou certa hora, ela contou que uma das imagens aqui, a primeira imagem que ela comprou numa feira foi na Bélgica e foi mais de 20 anos atrás, na verdade.

TC_ (19:37 - 21:09)

Rosângela:

A coleção de fotografias minha, ela não tem um momento, eu não tenho uma data em que eu comecei a colecionar mas no ano passado eu comecei sistematicamente a juntar, separar as fotos que eu já tinha de casamentos e comecei a pensar: acho que está na hora d'eu fazer alguma coisa a respeito das fotografias, não do meu casamento. Mas eu comecei a pensar em transformar essas imagens. Eu acho também que tinha uma outra questão também, a digitalização, nesse momento digital que a gente vive, que me incomoda profundamente porque eu sinto muita falta das manualidades, eu gosto de trabalhar, de usar... Eu sinto muita falta quando eu to lidando com a fotografia, de ter de fato esse contato, a questão manual, a manualidade mesmo, né? É o pegar um álbum, analisar, tem um volume, são objetos, né? A fotografia perdeu esse aspecto de objeto bidimensional e isso me incomoda enquanto artista, eu sou do tempo analógico e...

TC_ (21:09 - 21:10)

Carolina:

Questão da materialidade.

TC_ (21:10 - 21:51)

Rosângela:

Da materialidade. E o que aconteceu foi que eu comecei a pensar, eu queria muito voltar a fazer pintura, pintar, pintar fotografia, recortar, fazer colagem, reviver um pouco essa... Porque através da manualidade, do gesto, apropriar-se de uma imagem e manipulá-la, acrescentar, agregar coisas e tudo, você de alguma forma, eu, eu alongo meu tempo de contato com a imagem que é, na verdade, aquilo que eu acho que eu posso, que é a minha forma de combater essa imediatez da imagem digital.

TC_ (23:59 - 25:25)

Rosângela:

E aí é muito legal, porque as fotos de casamento estão em todos os mercados de pulga, você encontra em qualquer lugar, na Índia, no Peru, no México, Brasil, Europa inteira. Quer dizer, onde você tem uma feirinha, você vai inevitavelmente achar pelo menos uma fotografia de casamento, e eu queria essa ideia de repetição, mas a repetição que é sempre muito parecida mas nunca é a mesma. E ao mesmo tempo a minha agenda foi se alargando enquanto eu fazia o trabalho, eu ia manipulando, ia me divertindo com aquilo, fazendo comentários, às vezes ácidos, às vezes mais poéticos, às vezes muito irônicos e com isso eu fui agregando outras questões, como por exemplo, as uniões mais recentes, os transgêneros, têm as uniões, os casais homoafetivos, tem coisas que são piadas, são piadas feitas à partir de fotografias ruins, onde a noiva tá com uma cara de doida, de bêbada, então... E fazendo referências que ao longo do desenvolvimento do projeto eu fui de fato fazendo uma espécie de visita à história, revisita à essa história da visualidade.

TC_ (25:25 - 25:27)

Rosângela:

Já volto, tô ficando dispersa.

TC_ (25:31 - 25:36)

Rosângela:

Gabriel, quando é que a gente vai fazer as caixas lá da frente?

TC_ (25:36 - 25:38)

Gabriel:

O Abraão já tá fazendo.

TC_ (25:39 - 25:40)

Rosângela:

Beleza.

TC_ (25:40 - 25:49)

Gabriel Zimbardi:

Sabe o que eu queria que você me dissesse já? Que parede que você prefere que esteja seu nome e o nome da exposição, essa ou essa?

TC_ (25:50 - 25:51)

Rosângela:

Essa!

TC_ (25:50 - 25:52)

Gabriel Zimbardi:
Vem cá. Aqui?

TC_ (25:52 - 25:55)
Rosângela:
Deixa eu ir lá, per aí.

TC_ (25:56 - 26:27)
Rosângela:
Um trabalho que se encaixa no outro, que se encaixa no outro, isso tudo compõe uma espécie de conjunto harmônico e isso eu tô muito acostumada a lidar, tanto que é o que eu gosto, que é o que me dá prazer. Nem sempre essas coisas são tão evidentes assim numa montagem ou numa exposição mas são o que me dão prazer, quer dizer, um trabalho de construção mental meu e de atelier, quando ele pode se refletir no espaço que eu tô ocupando é show de bola, né?

TC_ (27:05 - 27:07)
Rosângela:
TV ponto.

TC_ (27:07 - 27:11)
Moça:
Amor, rapidinho, lá vai ter ordem?

TC_ (27:12 - 29:51)
Rosângela:
O Arquivo Universal, que era um projeto que eu mantive, que eu mantenho desde 92, portanto ele tem 25 anos, que é um projeto baseado em uma coleção de textos sobre fotografia ou textos que relacionam, se relacionam a uma imagem ou que comentam ou que fazem referência a uma fotografia. São textos que eu tiro de jornal e se o texto tem uma potência visual que me interessa, em função da fotografia da qual ele fala, esse texto entra no meu computador e ele entra num formato muito básico, como se eu tivesse no meu computador uma mistura assim de banco de dados com banco de imagens, banco de textos mais banco de imagens, então esses textos se transformam num retângulo perfeito. Eles são editados, eu elimino nomes, troco o nome de uma pessoa por um nome genérico, Maria e João, por exemplo, ou X e Y. Então, esse trabalho, o Arquivo Universal, eu acabei me lembrando, primeiro ele tem 25 anos, porque ele começou em 92 e segundo que eu me lembrei que o primeiro texto que entrou no meu computador era justamente um texto que falava de uma mulher que tinha entrado na justiça pra obter, ela pediu pro juiz, ela entrou com uma petição que ela alegou que ela não admitia, ela não podia admitir que o ex marido dela mantivesse a foto de casamento deles, que era o único bem que eles tinham em comum. Então ela não queria que o ex marido ficasse com a fotografia de casamento na casa que ele agora dividia com outra mulher e ela exigia, mas ela não exigia a foto do casamento, ela exigiu a metade da foto onde ela aparece e inclusive do negativo, quer dizer, tudo aquilo que diz respeito a imagem dela não poderia conviver no mesmo lugar onde o ex marido vivia com outra mulher. Essa relação simbólica das pessoas com a imagem e essa importância que as pessoas dão, o valor que as pessoas dão, isso, é disso, é aí que a fotografia se relaciona com a humanidade. Como as pessoas têm fé na imagem,

quer dizer, esse foi o primeiro texto, falei: nossa, lembrei, caramba! Então, eu tenho que comemorar, tem 25 anos.

TC_ (29:54 - 30:34)

Narradora:

A agricultora Maria, que está se divorciando do agricultor João, entrou na justiça da pequena cidade com uma ação incomum, ela requereu ao juiz a parte em que aparece na fotografia de casamento ao lado de João, alegando que este era o único bem que os dois possuíam em comum. No início, os advogados que cuidam do caso acharam que o pedido não passava de brincadeira, mas Maria insistiu, argumentando que de maneira nenhuma concordava em ter seu retrato debaixo do mesmo teto que o seu ex marido divide agora com outra mulher. O juiz considerou o pedido e já mandou João devolver o pedaço de foto que não mais lhe pertence, inclusive o negativo.

TC_ (30:37 - 30:42)

Rosângela:

Vocês já fizeram pelo rolo inteiro pra garantir as distâncias corretas, né?

TC_ (30:42 - 30:45)

Rapaz:

Isso, assim não tem como.

TC_ (30:44 - 30:46)

Rosângela:

Não tem como escapar, é!

TC_ (30:53 - 30:55)

Rosângela:

E deu tudo na largura do rolo, deu né?!

TC_ (30:56 - 30:58)

Rapaz:

Não, aqui nós estamos completando.

TC_ (30:57 - 31:00)

Rosângela:

Tem coisa que não coube no rolo?

TC_ (30:59 - 31:03)

Rapaz:

É, tem coisa que não cabe. Agora ele vai por lá.

TC_ (31:02 - 31:03)

Rosângela:

É. Tá.

TC_ (31:07 - 31:25)

Rosângela:

É, eu nunca fiz nada com o rolo inteiro assim, ficou legal. Tudo meu é mais compacto, os textos grandes eram todos meio compactos, mas assim foi bacana. A ideia de usar a fachada inteira foi super bom.

TC_ (31:24 - 31:27)

Rapaz:

É, ficou muito bonito. A cor que você escolheu ficou fantástica.

TC_ (31:27 - 31:43)

Rosângela:

É, e o marrom na verdade, eu escolhi o marrom com a prata por causa dos pratos que estão lá em cima né, o escrito: 'Cerimônia do Adeus' tá marronzinho. E é uma cor meio inesperada também porque seria mais sóbrio se colocar preto, né?

TC_ (31:44 - 31:47)

Rapaz:

Não, Andréia, aí vai soltar, vai prender aqui embaixo no 32 só.

TC_ (31:46 - 31:51)

Rosângela:

E vai ficar muito bom porque tem essas letras todas atrás, brilhando aí!

TC_ (31:50 - 31:53)

Rapaz:

No 31, fixa direitinho aí.

TC_ (31:54 - 33:41)

Rosângela:

Tudo começou quando a gente tava pra fazer, no meu ateliê, eu e minhas duas assistentes, a gente trabalhando no "Núptias" e a gente brincando, como é que é isso, né? Assim, e percebi que certos trabalhos estavam comemorando 25 anos, eu não lembrava por exemplo, eu não sabia que 20 anos são bodas de porcelana, então eu achei lindo, e eu gostei da imagem, gostei do material também. Então assim, foi por muita sorte ter três materiais incríveis, dois materiais né, porcelana e prata, e ao mesmo tempo pensar em um ano de celebração de trabalho, né, de trabalho de atelier, com trabalhos com obras em papel e basicamente em papel, né? Mas o que aconteceu foi que então a gente foi buscar as informações e buscamos as listas e aí tem as listas inglesa, tem americana, tem a brasileira. A lista inglesa é mais enxuta, ela vai assim a partir dos 50 anos de bodas, ela conta, ela celebra de cinco em cinco e aquilo eu achei lindo, era uma profusão de materiais assim, também um pouco disparatados no início sendo que no final todas aquelas listas iam até cem, independente de ser de cinco em cinco ou se era ano a ano e o que acontece que era muito curioso também é que no final eram nomes de madeiras e a gente fala assim: não, se alguém fizer, conseguir celebrar 100 anos de casamento vai já virar pedra, só falta pedra, né?

TC_ (34:15 - 34:49)

Rosângela:

Eu não tinha pensado, a princípio, o que que eu poderia fazer com essa lista. Ela serviu como um material de trabalho e a Dani, minha assistente que falou: Não, porque que a gente então não traz a lista inteira? Olha que lindo, né? Aí eu falei: Olha, então vamos fazer a lista inteira e aí a gente... Então vamos colocar a lista inteira com os seus materiais, mas sem explicar muito também né? Não dizer que é primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, deixa que as pessoas entrem nessa lista meio maluca e que batam, e que estabeleçam uma relação com o que tá lá dentro.

TC_ (35:34 - 36:39)

Rosângela:

Todo o projeto podia virar uma coisa, virar uma coisa muito piegas, né? Podia virar uma coisa assim melosa, né? Assim, açucarada, eu acho que ela não é tão açucarada como ela deveria porque os casamentos hoje em dia valem muito pouco, você hoje acaba com casamentos com muito mais facilidade do que dez, vinte, cinquenta anos atrás, né? As uniões hoje são muito mais frágeis, eu acho. E na verdade, ao mesmo tempo que as uniões são mais frágeis, existem muito mais uniões hoje, diferente, uniões não ortodoxas, do que havia há 20 anos atrás, então é impossível você hoje falar de uniões afetivas sem você alargar o leque de possibilidades. Então pra mim era impossível não trazer essa questão política pra dentro do trabalho.

TC_ (36:54 - 37:09)

Rosângela:

E no fundo, essa ideia de falar de "Núptias", na verdade, a celebração aqui de amor né, é o amor que vai manter a humanidade viva, a gente acha que sim, não importa qual seja o amor.

TC_ (37:19 - 38:05)

Rosângela:

Eu sempre trabalho com essas ressignificações de imagens. Então assim, imagens que perdem o seu valor simbólico e vão parar no lixo, e vão parar no mercado de pulgas, na feirinha, feirinha do troca-troca, de usados, mas esse é o material que é, é quase que, ele convida à uma ressignificação, à uma mudança, à uma mudança de status também, ele perdeu o valor simbólico, foi parar no lixo e de repente não, ele pode ter uma sobrevida e é com essa sobrevida que eu trabalho o tempo todo ou quase sempre né, em diversas séries diferentes.